

OS “JORNALISTAS” DA “PRÉ-HISTÓRIA”: UMA ANÁLISE
FOLKCOMUNICACIONAL DA PRODUÇÃO
INFORMACIONAL DAS PINTURAS RUPESTRES DO
PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA

*Fábio Gonçalves Ferreira**
*Orlando Maurício de Carvalho Berti***

RESUMO

Este artigo destaca as potencialidades e atitudes folkcomunicacionais preservadas através de pinturas rupestres no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Sul do estado do Piauí (Brasil). Busca-se, através de uma reflexão teórica, baseada nos conceitos de Folkcomunicação, entender como os “jornalistas” da “Pré-História” (autores dessas pinturas rupestres) se comunicavam através dessas formas pictóricas. Sistematizam-se esses potenciais através de uma apresentação das figuras jornalísticas desses comunicadores e suas respectivas potencialidades folkcomunicacionais. Prova-se que esse potencial se dá principalmente pelas pinturas rupestres (e milenares) encontradas no Parque Arqueológico e que são uma das mediações informacionais folkcomunicacionais mais antigas do Brasil.

Palavras-chave: Comunicação. Comunicação Social. Folkcomunicação. Serra da Capivara. Piauí.

* Jornalista formado pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi), campus de Picos (PI). Acadêmico do Mestrado em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), em São Bernardo do Campo (SP), sob orientação do professor José Marques de Melo. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: fabioferreira73@hotmail.com

** Professor, pesquisador e extensionista do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – da Universidade Estadual do Piauí (Uespi), campus de Teresina (PI) onde realiza atividades acadêmicas relacionadas a questões comunicacionais com interfaces em tecnologias atuais e fenômenos de Comunicação Comunitária no Sertão do Nordeste. Doutorando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), em São Bernardo do Campo (SP). Mestre em Comunicação Social pela mesma universidade. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (Fapepi). E-mail: orlandoberti@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A folkcomunicação é uma disciplina das ciências da comunicação cujo princípio metodológico suscita grandes polêmicas. Polêmicas, por sinal, que também suscitam outras áreas conexas da comunicação. O motivo de tanta discussão reside na crise epistemológica provocada, na década de 1960 do século XX, pela disputa de territórios entre os que demandam o estudo da comunicação popular baseados na antropologia cultural e os que gravitam em torno da corrente dos Estudos Culturais. Ou seja, a mesma temática científico-comunicacional era disputada não para uma evolução científica comum, mas por “partidos” que procuravam trazer para si determinados preceitos teóricos.

O estudioso nordestino de Comunicação Luiz Beltrão refluíu a esse conflito, travado inicialmente no espaço britânico, para resgatar a dimensão gramsciana¹ da cultura popular brasileira, explícita na tese de Edison Carneiro sobre a “dinâmica” do Folclore². Essas bases, juntadas com perspectivas atuais terminam por balizar o pensamento folkcomunicacional contemporâneo.

Apesar de ter uma base de estudos consolidada, a folkcomunicação ainda clama estudos empíricos capazes de fortalecer seu reconhecimento acadêmico e de estimular o avanço reflexivo dos seus pesquisadores.

Mediante isso, exploram-se neste trabalho as potencialidades folkcomunicacionais no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Sertão do estado do Piauí, Nordeste do Brasil, feitas e comunicadas pelos “jornalistas” da “Pré-História”; ou seja, os mediadores folkcomunicacionais do período pré-cabralino, brasileiros de épocas distantes, mas que traziam consigo e deixaram para a posteridade uma série de relatos pictóricos sobre uma cotidianidade da época, tudo feito de uma forma peculiar de comunicação, o que os caracteriza como agentes folkcomunicacionais.

O trabalho é dividido em três momentos. O primeiro deles, de identificação do sujeito-objeto – intitulado *Parque Nacional da Serra da Capivara, no Sertão do Piauí* –, caracteriza o que é esse parque, destacando suas potencialidades

¹ Antonio Gramsci é até hoje um dos mais fortes e reconhecidos marxistas. Tem forte contribuição mundial aos estudos da Teoria Política. “Suas noções de pedagogia crítica e instrução popular foram teorizadas e praticadas décadas mais tarde por Paulo Freire no Brasil. Gramsci desacreditava de uma tomada do poder que não fosse precedida por mudanças de mentalidade. Para ele, os agentes principais dessas mudanças seriam os intelectuais e um dos seus instrumentos mais importantes, para a conquista da cidadania, seria a escola” (UOL, 2011).

² Mais informações sobre essa obra estão no livro *A Dinâmica do Folclore*. Editora Civilização Brasileira, 1977.

arqueológicas e, principalmente, apresentando as potencialidades comunicacionais dessas pinturas rupestres. O segundo momento, de fundamentação teórica – intitulado *Os atuais desafios da pesquisa em Folkcomunicação no Brasil* –, envereda por uma reflexão da teoria comunicativa da folkcomunicação, trazendo suas faces e interfaces entremeio aos sujeitos-objetos da contemporaneidade e sua interação com as culturas populares e antigas, que é o caso das imagens iconográficas encontradas no Parque Nacional da Serra da Capivara. Também se reflete sobre o papel dos agentes folkcomunicacionais, responsáveis pelo papel de mediação nesse processo. O terceiro e reflexivo momento, de análise da problemática e busca de soluções científicas – intitulado *Os “jornalistas” da “Pré-História” do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Sertão do Piauí* –, traz um apanhado respondendo aos potenciais folkcomunicacionais do Parque e como isso pode ser utilizado em prol do avanço dessa região do País, que é uma das mais pobres em toda a América Latina.

1. O PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA, NO SERTÃO DO PIAUÍ

Atualmente o Parque Nacional da Serra da Capivara é um dos mais conhecidos do Brasil. Essa fama se dá pelo potencial arqueológico ímpar, tendo um diferencial em relação a quase todos os parques brasileiros: tem um interesse muito mais científico do que turístico.

O Parque Nacional da Serra da Capivara localiza-se na região sertaneja do Sul do Piauí, nos municípios de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, São João do Piauí e João Costa. Segundo Brasil Turismo (2011) o Parque possui uma área de aproximadamente 100 mil hectares. Ele foi criado através do Decreto 83.548, de 5 de junho de 1979.

A criação do Parque está associada à preservação de um meio ambiente específico e de um dos mais importantes patrimônios culturais atualmente conhecidos no país. Após estudos feitos por especialistas da Missão Franco-Brasileira ressaltando a relevância da área, vários segmentos da sociedade colaboraram para a criação do mesmo (comunidade e instituições). [...] A região como um todo apresenta aspectos arqueológicos bastante significativos e teve em outras épocas a presença de povos indígenas que foram dizimados pelos colonizadores espanhóis e portugueses. O parque foi declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em função do acervo arqueológico ali encontrado, cerca de 460 sítios já foram cadastrados. No sítio do Boqueirão da Pedra Furada, foram feitas as mais antigas datações que atestam a presença do homem no continente Americano: 48 mil anos atrás (BRASIL TURISMO, 2011).

Anne-Marie Pessis (2011) destaca que, através das pesquisas científicas realizadas nesse parque, em pleno Sertão piauiense, importantes evidências no continente americano, abalaram o conhecimento sobre as matrizes do povoamento das Américas. Ou seja, os primeiros habitantes pré-coloniais eram muito mais antigos do que se podia imaginar. Seus comunicadores deixaram vestígios preciosos, alguns dos quais estão no Piauí.

Demonstrou-se que, ao contrário do que afirma a teoria clássica antiga, o homem penetrou no continente americano muito antes de 30.000 anos. Escavações no sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada permitiram a descoberta de vestígios que foram datados pela técnica do Carbono 14, alcançando até 48.000. [...] Restos de pinturas foram encontrados em camadas extremamente antigas sendo, portanto, as primeiras manifestações de arte pré-histórica americana. O Boqueirão da Pedra Furada é, hoje, o mais antigo e importante sítio arqueológico das Américas. [...] As escavações, sondagens e coletas de superfície forneceram abundante material proveniente das atividades de populações que ocuparam a região há, pelo menos, cerca de 50.000 anos até a chegada dos colonizadores brancos. Atualmente estão mapeados mais de 345 sítios dos quais 240 com pinturas ou gravuras rupestres (PESSIS, 2011).

O Parque Nacional da Serra da Capivara é administrado pela Fundação Museu do Homem Americano (Fumdhm), criada no ano de 1986, no município de São Raimundo Nonato. Segundo a Fumdhm (2011a) ela é uma “entidade científica, filantrópica, sociedade civil (Oscip), sem fins lucrativos, declarada de utilidade pública estadual e federal e cadastrada no Conselho Nacional de Assistência Social”.

A FUMDHAM atua, formalmente, ligada às instituições dos governos federal, estadual e municipal. No plano federal, a Fundação assinou um contrato de parceria com o IBAMA, visando à aplicação do Plano de Manejo do Parque Nacional Serra da Capivara. A Fundação tem a responsabilidade técnico-científica da Unidade de Conservação, assume sua defesa e manutenção. Na cidade de São Raimundo Nonato foi construído o Museu do Homem Americano no qual são expostos os resultados das pesquisas. Junto ao Museu estão as reservas técnicas que abrigam as coleções de material arqueológico, paleontológico, zoológico, botânico, bem como os laboratórios e os serviços administrativos da FUMDHAM (FUMDHAM, 2011a).

A Fumdhm é uma instituição que goza de reconhecimento mundial. Atualmente ela tem parcerias com as instituições: Fundação Oswaldo Cruz do

Rio de Janeiro, Universidade Estadual de Campinas, Universidade do Estado de São Paulo (Unesp), Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Universidade de São Paulo, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Universidade Federal do Piauí, Université Claude Bernard (Lyon, França), Université Lumière (Lyon, França), Laboratoire d’Anthropobiologie de Université Paul Sabatier (Toulouse), MNHN – CNRS UMR 7206 – Eco-Anthropologie et Ethnologie – Musée de l’Homme (Paris), Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (França); Centre de Géomorphologie e Laboratoire des Faibles Radioactivités do Centre National de la Recherche Scientifique (França); Consiglio Nazionale delle Ricerche (Itália); Texas A & M University, USA; University of Newcastle, Reino Unido.

Em dezembro de 1991, a Unesco declarou o Parque Nacional da Serra da Capivara como Patrimônio Cultural da Humanidade. Atualmente, parte desse patrimônio, contendo objetos icônicos encontrados por arqueólogos, está à disposição de turistas e pesquisadores.

É toda essa potencialidade que traz um grande desafio de também se vivenciar e estudar no sentido folkcomunicação.

2. OS ATUAIS DESAFIOS DA PESQUISA EM FOLKCOMUNICAÇÃO NO BRASIL

A folkcomunicação é uma teoria mundial da comunicação genuinamente brasileira. Pois ela foi esboçada no Brasil, motivada pela observação de sujeitos e de objetivos nacionais, principalmente de sua parte mais carente. A teoria da folkcomunicação foi pensada e explicitada através da tese de doutoramento do professor pernambucano Luiz Beltrão, defendida na Universidade de Brasília (UnB), em 1967. Cercada de polêmicas, a teoria até hoje traz divisões entre pensadores da comunicação, isso se dá principalmente porque a folkcomunicação traz uma visão mais funcionalista do processo, enquanto os seus críticos enveredam por uma visão mais ligada à Teoria Crítica e/ou principalmente aos estudos culturais.

Em termos gerais, a folkcomunicação é a interação entre o folclore e a comunicação, ou, como destaca o professor José Marques de Melo (2004, p.11), um dos maiores incentivadores e estimuladores dessa área no Brasil, como sendo a perspectiva teórica do resgate e a interpretação comunicacional da cultura popular.

Algumas dessas manifestações possuem caráter e conteúdo jornalístico, constituindo-se em “veículos adequados à promoção de mudança social”. Entre elas, destacam-se as mensagens transmitidas oralmente pelos cantadores (violeiros ou paiaadores) e poetas populares, pelos caixeiros-viajantes e choferes de ca-

minhão; e as escritas; por meio de folhetos (literatura de cordel), almanaques, calendários e livros de sorte; e os meios de expressão utilizados pelas camadas populares para manifestar sistematicamente seu pensamento e suas reivindicações: entretenimento (carnaval), folguedos e autos populares (“queima de Judas”, mamulengo, bumba-meu-boi), peças de artesanato e de artes plásticas (D’ALMEIDA, 2003).

Ou seja, desde sua gênese tinha forte interação com os estudos comunicacionais ainda não feitos e sem atenção da academia, sobretudo aqueles voltados para a região nordestina brasileira. José Marques de Melo (2004, p. 16) também destaca que Luiz Beltrão, na gênese da folkcomunicação descobriu que os processos modernos de comunicação no espaço brasileiro-nordestino aconteciam ao mesmo tempo em que “os fenômenos de comunicação pré-moderna”, como lembrança dos costumes trazidos ao Brasil pelos colonizadores de Portugal.

Fábio Rodrigues Corniani (2005, p. 2) ressalta que Luiz Beltrão apoiou-se nos estudos do norte-americano Paul Felix Lazarsfeld que dizia haver no processo da comunicação coletiva duas etapas significativas: a do comunicador líder de opinião e deste ao receptor comum, introduzindo nos seus estudos a presença dos líderes de opinião. No entanto, a pesquisa de Luiz Beltrão propunha hipóteses além da teoria de Paul Lazarsfeld, que, segundo ele, atribuíam um caráter linear e individualista ao fluxo.

Comunicacionalmente falando, na folkcomunicação, a informação parte da fonte através de um meio de comunicação de massa (canal), chegando à audiência e líderes de opinião; a essa altura, a mensagem retornava (*feed-back*) da audiência para o meio de comunicação de massa e, ao mesmo tempo, seguia um percurso diferente: partia dos líderes de opinião através do meio de comunicação de folk e chegava até a audiência de folk. Essa era a interação bi-polar descrita na teoria de Luiz Beltrão.

Ou seja: a folkcomunicação promove uma segunda mediação no processo comunicacional. Essa mediação tem caráter popular e envolve sujeitos geralmente deixados de lado nos processos comunicacionais convencionais.

A folkcomunicação é a forma com que uma nova comunicação, via excluídos dos processos originais se comunicam e, através de uma forma particular, mediam a informação, jornalisticizando de forma pessoal e comunitária os preceitos daquele grupo antes deixado de lado nos processos.

O pai da folkcomunicação propunha “estudar as cadeias comunicacionais e informativas, que à margem dos circuitos formais de comunicação, levam aos públicos mais distantes aquelas informações que lhes interessava ou terminava por atingi-los”. Mas que público seria esse? Os marginalizados,

considerados como a audiência da folkcomunicação. Aqui, surge a função dos líderes agentes/comunicadores, que

[...] aparentemente, nem sempre são autoridades reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores, e em geral alcançando a posição de conselheiros ou orientadores da audiência, sem uma consciência integral do papel que desempenham (BELTRÃO, 1980, p. 80).

A promoção ao posto dessa liderança popular dentro da comunidade possui íntimas ligações com a habilidade em codificar a mensagem, até chegar ao patamar de entendimento da sua audiência; também é preciso adquirir credibilidade junto ao grupo; assim, além de traduzir a mensagem, esse líder consegue com facilidade persuadir e quem sabe até ditar as ações do grupo. Após a morte de Luiz Beltrão, seus estudos foram confrontados com a teoria das “mediações culturais” de Jesus Martin-Barbero (2003). O reconhecimento que Beltrão fazia dos grupos rurais ou marginalizados denotava semelhança com a abordagem que Martin-Barbero faz aos agentes educativos, religiosos e políticos nos centros urbanos metropolitanos.

A pesquisadora piauiense Lana Krisna de Carvalho Morais (2010) destaca o potencial desses estudos folkcomunicacionais para o Sertão nordestino e como estão repletos de sujeitos-objeto ainda pouco estudados. Um dos atuais desafios folkcomunicacionais é tentar mostrar como esses marginalizados estão potencializando as tecnologias atuais, fascinados com a inclusão digital e outras formas de acesso à comunicação. Por mais lentas que sejam, são cada vez mais agregadoras e socializantes, promovendo uma nova onda de formas de midiatar.

3. OS “JORNALISTAS” DA “PRÉ-HISTÓRIA” DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA, NO SERTÃO DO PIAUÍ

O Parque Nacional da Serra da Capivara, no Sertão do Piauí, é um amplíssimo ambiente folkcomunicacional. A principal menção disso decorre das pinturas rupestres encontradas no lugar. Tais pinturas, nada mais são, para uma perspectiva do homem pré-colonial brasileiro, como uma forma de publicização de cenas de caça, pesca, acasalamento ou aldeamento para deuses “pagãos” ou para “futuras gerações”. Essa indefinição de “público receptor” ocorre por não se saber, historicamente, em que contexto foram criadas as pinturas. No campo folkcomunicação, as pinturas se enquadrariam no rótulo de “folkcomunicação visual”, conforme conceitua Marques de Melo (2008, p. 90), por ser “pictográfica” e “todas elas captadas pela visão”. Uma forma própria e alternativa, extremamente peculiar aos preceitos folkcomunicacionais.

Segundo a Fumdhm (2011c), tais escrituras rupestres (pinturas e gravuras), ou seja, emissões folkcomunicacionais icônicas, trazem evidências de 12 mil anos. As “mais novas” pinturas rupestres evidenciam comunicações entre 7 e 6 mil anos, mostrando a importância histórica da mediação informacional desse material.

3.1 Os principais elementos folkcomunicacionais dos “jornalistas” da “Pré-História” no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí

Seguem os principais elementos folkcomunicacionais dos “jornalistas” da “Pré-História”³. Essas imagens marcam as perspectivas da intencionalidade de uma segunda mediação, no caso, da folkcomunicação, através dessas figuras, ou seja, como os comunicadores da Pré-história midiaticizavam a informações, realizando nas pedras do Parque Nacional da Serra da Capivara, verdadeiros jornais.

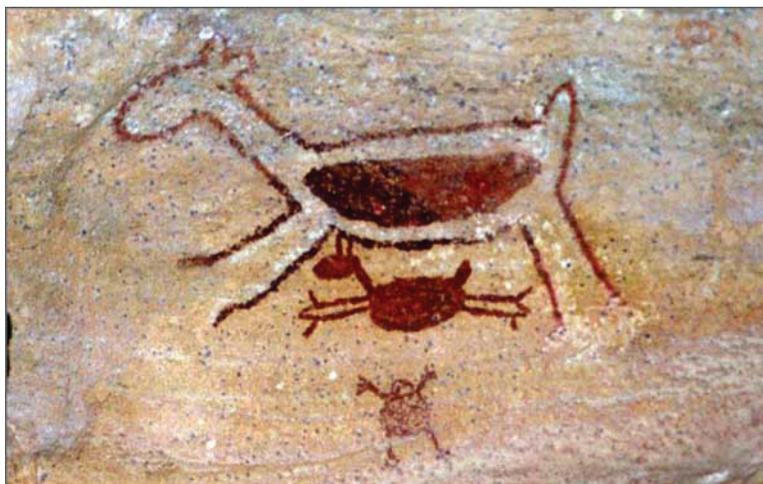


Imagem 1 – Imagem folkcomunicacional símbolo do Parque Nacional da Serra da Capivara

Fonte: (FUMDHAM, 2011c).

³ O termo “Pré-História” aparece mais neste trabalho por questões de titulação do que como crença de que existe uma “pré” História. Isso não existe, principalmente porque essa história foi contada sim, prova de que o objeto deste estudo é uma série de relatos (iconográficos) desse importante período da história mundial. “Atualmente esse tipo de compreensão acabou perdendo espaço para outras formas de recuperação do passado. Muitos historiadores passaram a ver que as fontes que documentam o passado não se resumem aos documentos escritos. As manifestações artísticas, a oralidade, a cultura material e outros vestígios podem se integrar no entendimento do passado. Com isso, o mundo pré-histórico deixou de ser visto como um tempo destituído de história” (BRASIL ESCOLA, 2011).

Esta é a principal iconografia do Parque Nacional da Serra da Capivara, a imagem, por conta de sua beleza e aspectos icônicos comunica cena de caça. Ela é o símbolo do Parque Nacional da Serra da Capivara e atualmente reproduz milhares de produtos vendidos em todo o Mundo, mostrando com foi publicizada as informações dos folkcomunicadores pré-coloniais.

Um dos principais fatos comunicacionais relatados é a questão do respeito pelos animais, inclusive, na opinião de alguns estudiosos da atualidade, é uma das primeiras manifestações ecológicas mundiais a que se tem notícia.

Ou seja, o líder folkcomunicacional da “Pré-História”, além de preocupado com a mediação de ideias e fatos, também gera uma historicização e eternização dos fatos. Além da comunicação, enfatizada pela comunicação, isso também traz uma série de elementos para estudos antropológicos e históricos.



Imagem 2 – Relato iconográfico de momento de caça entre comunicadores pré-coloniais no Parque Nacional da Serra da Capivara

Fonte: (FUMDHAM, 2011c).

O próprio sítio da Fundação Museu do Homem Americano, que administra o Parque Nacional da Serra da Capivara, admite o potencial comunicacional das pinturas rupestres:

[...] este costume de se exprimir graficamente é uma manifestação do sistema de comunicação social. Como tal, a representação gráfica é portadora de uma mensagem cujo significado só pode ser compreendido no contexto social no qual foi formulado. Trata-se de uma verdadeira linguagem, na qual o suporte material é composto por elementos icônicos, cuja completa significação perdeu-se definitivamente no tempo por não conhecermos o código social dos grupos que o fizeram. Não podendo decifrar este código, resta uma possibilidade de se conhecer mais sobre os grupos étnicos da pré-história através da identifi-

cação dos componentes do sistema gráfico próprio de cada grupo e de suas regras de funcionamento. Efetivamente, cada grupo étnico possui um sistema de comunicação gráfico diferente, com características próprias. Assim, mesmo que não possamos decifrar a sua significação, será possível identificar cada um dos conjuntos gráficos utilizados pelos diferentes grupos. Quando os conjuntos gráficos permitem o reconhecimento de figuras e de composições temáticas, existe também a possibilidade de identificar os elementos do mundo sensível que foram escolhidos para ser representados. Esta escolha é de fundo social sendo também caracterizadora de cada grupo, pois oferece indicadores sobre os elementos do entorno e as temáticas que são valorizadas por cada sociedade. (FUMDHAM, 2011c).

A cotidianidade entre esses habitantes pré-coloniais é a principal caracterização de publicização de informação no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Sertão do Piauí. Nota-se a perspectiva da mediação privilegiada entre esses atores comunicacionais, principalmente pelo segundo papel de mediação folk.



Imagem 3 – Retratação de abundância de animais no Parque Nacional da Serra da Capivara

Fonte: (FUMDHAM, 2011c).

Nota-se a presença comunicacional forte de animais nas pinturas rupestres do Parque Nacional da Serra da Capivara. Os animais eram importantes porque era uma das grandes fontes de alimentação, diversão e de caça para esses brasileiros “pré-históricos”. Por isso as caçadas e o dia a dia dos animais são fortemente retratados por esses agentes folkcomunicacionais.

Dos numerosos abrigos que existem no Parque uma parte muito importante apresenta manifestações de atividades gráficas rupestres que, segundo as informações arqueológicas disponíveis e acima citadas, teriam

sido realizadas muito cedo na pré-história, por diversos grupos étnicos que habitaram a região.

Durante cerca de doze mil anos, os grupos étnicos que habitaram a região evoluíram culturalmente e as pinturas rupestres constituem um testemunho desta transformação. Pode-se observar esta evolução dos registros gráficos rupestres mediante a identificação de mudanças nas técnicas pictorial ou de gravura empregadas, mas também nas variações dos temas e da maneira como eles são representados.

Estas mudanças não são resultado do acaso, mas de uma transformação social gradativa que se manifesta em diferentes aspectos da vida dos grupos humanos, entre os quais está a prática gráfica (FUMDHAM, 2011c).

Ou seja, entre os próprios povos que habitavam aquela região havia essa conscientização de evolução no que eles deixavam nesses grandes jornais a céu aberto, que hoje estão disponíveis à visitação no Parque Nacional¹.

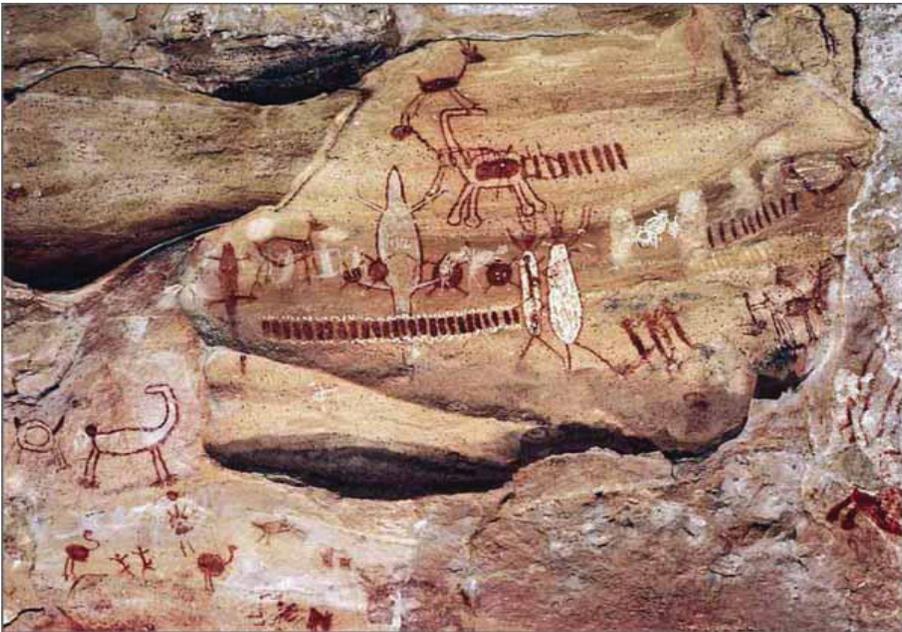


Imagem 4 – Cenas de sacrifícios

Fonte: (FUMDHAM, 2011c).

¹ O potencial de pinturas rupestres no Parque Nacional da Serra da Capivara é tão grande que até hoje mais da metade dos sítios arqueológicos do lugar ainda estão para ser estudados por completo.

As imagens encontradas no Parque Nacional publicizam não só cenas do cotidiano no sentido de bondades, mas também de maldades, mostrando o caráter humano e as perspectivas verdadeiramente cotidianas dos processos comunicacionais no lugar. Há imagens que retratam sacrifícios humanos. A intimidade também era retratada e comunicada. Nessa região do Piauí há um dos mais completos acervos pictóricos de orgias dos homens pré-coloniais americanos.



Imagem 5 – Retratações de cerimônias

Fonte: (FUMDHAM, 2011c).

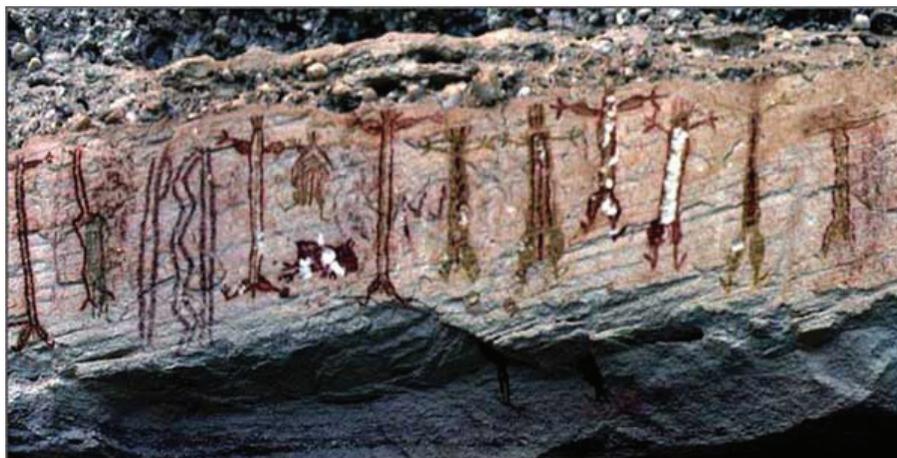


Imagem 6 – Retratação dos jornalistas do período pré-colonial brasileiro, no Parque Nacional da Serra da Capivara

Fonte: (FUMDHAM, 2011c).

As pinturas e gravuras rupestres são então estudadas com a finalidade de poder caracterizar culturalmente as etnias pré-históricas que as realizaram, a partir da reconstituição de um procedimento gráfico de comunicação que faz parte dos respectivos sistemas de comunicação social. Numa segunda instância, este estudo pretende, quando o corpus gráfico em questão fornece os elementos essenciais de reconhecimento, extrair os componentes do mundo sensível que foram escolhidos para fazer parte de tal sistema gráfico. Fica então excluída qualquer possibilidade de interpretação de significados, pois toda afirmação se situaria em um plano de natureza conjectural. Na perspectiva de estudo utilizada entende-se que a cada tradição gráfica rupestre pode associar-se um grupo étnico particular na medida em que se possa segregar conjuntamente outros componentes caracterizadores de natureza cultural, tais como uma indústria lítica tipificada, uma utilização própria do espaço ou formas específicas de enterramentos. (FUMDHAM, 2011c).



Imagem 7 – Retratação de momento de caça

Fonte: (FUMDHAM, 2011c).

Ou seja, mediante os elementos apresentados (que são um pequeno recorte desse potencial folkcomunicação nessa região brasileira) se tem perspectivas no sentido científico e turístico, no que se propõe a analisar neste trabalho.

No sentido da folkcomunicação, em seu lado epistemológico e, conseqüentemente, teórico, o Parque Nacional da Serra da Capivara tem um potencial de trazer reflexões para quem foram esses comunicadores do período pré-colonial brasileiro. Outra perspectiva é a questão de que tipo de mensagem eles mediavam, como mediavam e as conseqüências dessa mediação para a posteridade, principalmente para trazer reflexões sobre o que é a folkcomunicação hoje.

No sentido da folkcomunicação, em seu lado turístico, mostra como tais emissões comunicacionais são importantes para ajudar em uma reflexão de como essa mediação pode atrair pessoas interessadas nessa cultura e assim trazer positivos dividendos para os sertanejos piauienses envolvidos com o Parque Nacional.

Por isso a folkcomunicação continua sendo o preceito teórico que mais explica comunicacionalmente esses fenômenos.

CONSIDERAÇÕES

A maior conclusão deste trabalho é que o Parque Nacional da Serra da Capivara, no Sertão Sul do Piauí (Nordeste do Brasil), tem um dos mais fortes potenciais folkcomunicacionais jornalísticos brasileiros em termos da folkcomunicação dos povos pré-coloniais do Brasil. Era premente que os comunicadores nacionais mais antigos do País deixassem seus registros (muitos deles preservados) nesse lugar. São verdadeiros noticiários de uma cotidianidade “pré-histórica”.

Esses registros, como já foi visto, tratam de cotidianidades da coletividade e até da intimidade desses piauienses sertanejos, que são os mais antigos do continente americano.

Além dessa comunicação folk mostrar esses costumes e culturas, são verdadeiros documentos, através de pedras, que provam a presença dessas pessoas e suas intencionalidades de informar e comunicar, mesmo antes do próprio conhecimento sobre a escrita.

Cabe agora à Academia (principalmente na área de comunicação) dar o valor a essa região (que tem outras manifestações folkcomunicacionais – não só na perspectiva histórica, mas também nas questões da folkmídia, folkcomunicação religiosa, folkcomunicação turística e folkcomunicação política).

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, L. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BRASIL ESCOLA. Pré-História. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/a-pre-historia.htm>>. Acesso em: 8 jul. 2011.

BRASIL TURISMO. O Parque Nacional da Serra da Capivara. Disponível em: <<http://www.brasilturismo.com>>. Acesso em: 15 maio 2011.

CORNIANI, F. Afinal, o que é folkcomunicação. São Bernardo do Campo: Sítio da Universidade Metodista de São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/agora/pmc_acervo_pingos_fabio.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2011.

D’ALMEIDA, A. D. Folkmídia: a mediação da cultura popular pelos meios de comunicação de massa, de Beltrão a Luyten. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista15/artigos2015-4.htm>>. Acesso em: 3 jul. 2011.

FUMDHAM – FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO. A fundação do Museu do homem americano e o Parque Nacional da Serra da Capivara. 2011a. Disponível em: <<http://www.fumdam.org.br/fundacao.html>>. Acesso em: 1 maio 2011.

_____. Histórico do Parque Nacional da Serra da Capivara. 2011b. Disponível em: <<http://www.fumdam.org.br/historico.html>>. Acesso em: 1 maio 2011.

_____. Pinturas rupestres no Parque Nacional da Serra da Capivara. 2011c. Disponível em: <http://www.fumdam.org.br/pinturas_rupestres.html>. Acesso em: 1 maio 2011.

MARQUES DE MELO, J. Introdução à Folkcomunicação: gêneses, paradigmas e tendências. In: BELTRÃO, Luis. Folkcomunicação: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

_____. Mídia e cultura popular: História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MARTIN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MORAIS, L. K. C. Morro da Santa: as particularidades folkcomunicacionais presentes na Romaria pelas chuvas em Simões – Piauí. 2010. Monografia de conclusão de curso (Jornalismo) – Faculdade R. Sá, Picos, 2010.

PESSIS, A. Parque Nacional da Serra da Capivara, Patrimônio Cultural da Humanidade. Disponível em: <<http://www.psg.com/~walter/parque.html>>. Acesso em: 7 maio 2011.

UNIVERSO ON LINE. Antonio Gramsci. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/antonio-gramsci.jhtm>>. Acesso em: 9 jul. 2011.